

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ADRIELE GOMES DA SILVA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO PARA OS SURDOS NA CIDADE
DE DELMIRO GOUVEIA-AL: UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS E
POSSIBILIDADES DE ENSINO**

DELMIRO GOUVEIA
2022

ADRIELE GOMES DA SILVA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO PARA OS SURDOS NA CIDADE
DE DELMIRO GOUVEIA-AL: UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS E
POSSIBILIDADES DE ENSINO**

Trabalho Científico de Conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Prof. Esp.^a Adeilson da Silva Alves

Coorientadora: Prof.^a Flavia Jorge Lima

Delmiro Gouveia/AL
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586e Silva, Adriele Gomes da

O ensino de Geografia e educação para os surdos na cidade de Delmiro Gouveia – AL: um olhar sobre os desafios e possibilidades de ensino / Adriele Gomes da Silva. - 2022.

53 f. : il.

Orientação: Adeilson da Silva Alves.

Coorientação: Flávia Jorge Lima.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Ensino de Geografia. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. 4. Educação especial. 5. Educação de surdos. 6. Delmiro Gouveia - Alagoas. I. Alves, Adeilson da Silva. II. Lima, Flávia Jorge. III. Título.

CDU: 376-056.263



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: ADRIELE GOMES DA SILVA

O ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO PARA OS SURDOS NA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA-AL: UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido e
aprovado em 20 de junho de 2022

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

Adeilson da Silva Alves

Data: 28/06/2022 19:21:19-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Esp. Adeilson da Silva Alves – UFAL /Campus do Sertão
Orientador



Documento assinado digitalmente

FLAVIA JORGE DE LIMA

Data: 20/06/2022 22:59:24-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Flávia Jorge de Lima – UFAL/Campus do Sertão



Documento assinado digitalmente

JERLAN PEREIRA BATISTA

Data: 21/06/2022 00:00:53-0300

CPF: 014.292.624-86

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Me. Jerlan Pereira Batista – UFSC
1º Examinador



Documento assinado digitalmente

SUANA MEDEIROS SILVA

Data: 28/06/2022 13:11:24-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Suana Medeiros Silva - UFAL/Campus do Sertão
2º Examinadora

Dedico somente e totalmente ao meu Deus que sempre me manteve firme e forte.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de dedicar este trabalho ao meu Deus, no qual me deu serenidade e sabedoria para seguir firme nesta jornada, além de agradecer aquele que nos deu o mais precioso bem, a vida.

Em segundo lugar, aos meus pais Adeildo e Andrea que fizeram todo o possível e impossível, incentivando e ajudando para que eu não desistisse deste grande sonho.

Aos meus irmãos, Andreildo e Andreslane, que apesar de tudo sempre me deram a mão quando eu estava quase caindo.

Aos meus amigos e irmãos em Cristo, Simeão, Marcos, Larissa e Loane, pois sempre me apoiaram diante das circunstâncias.

Aos meus colegas de classe, por todos os estresses e ajuda que me proporcionaram.

Aos meus familiares, por todo o incentivo que me ofereceram.

Aos meus avós Cicero, Rosalia e Maristela, pela honra e cuidado.

Aos meus orientadores Adeilson e Flavia por terem me incentivado neste trabalho.

Aos meus amigos, Kimberlly, Ramon, Mayra, Nayara, Jefferson, Michele, Juliana e Allyson que estiveram juntinhos a mim e me ajudaram durante todos estes anos na universidade.

E também, ao meu querido e amado noivo Leandro que me ajudou diante das crises, me incentivou e ficou ao meu lado em silêncio todas as vezes em que eu estava em frente ao computador desesperada.

Sou grata a todos pela ajuda.

" É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos: a influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição, a sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que, de outra forma, ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso dos sinais."

J. Schuyler Long

RESUMO

Tendo em vista todos os aspectos e pesquisas desenvolvidas no meio educacional, é perceptível as discussões estruturais sobre a educação dos surdos no Brasil, sobretudo a respeito da sua inclusão. Para analisar este processo, o trabalho buscou desenvolver-se a partir da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, onde buscou-se a aplicação das metodologias que foram apresentadas na pesquisa, visando principalmente a análise do contexto vivenciado por esta comunidade de surdos na cidade de Delmiro Gouveia-AL, além de compreender as possibilidades e desafios encontrados no ensino, caminhando a pesquisa para o ensino de geografia. Desta forma a pesquisa mostrou questões favoráveis de acordo com as metodologias utilizadas no ensino de Geografia, como por exemplo o uso de materiais visuais que potencializaram assim a compreensão dos surdos sobre os conceitos geográficos e espaciais, além de diferenciar os mesmos. Diante deste contexto o objetivo principal deste trabalho é acima de tudo analisar as possibilidades de ensino de geografia na educação dos surdos na cidade de Delmiro Gouveia, dando ênfase na compreensão dos diversos desafios que são apresentados não somente ao aluno, como também ao docente.

Palavras-chaves: Educação de surdos, Libras, Metodologias, Geografia

ABSTRACT

In view of all the aspects studied in the educational environment, it is noticeable how it structured the education of the deaf in Brazil, especially regarding their inclusion. To analyze, the work sought to develop research from the bibliographic research, the work was sought from the field research where a process was sought mainly in the application, thinking this analysis of the context experienced by the deaf community in city Delmiro Gouveia-AL, in addition to understanding how possibilities and challenges encountered in teaching, path to teaching geography. In this way, a research addressed thematic issues according to the methodologies used in the teaching of Geography, for example, they are considered as an understanding of the deaf about geographic concepts and, in addition to being different, the same. In this context, the main objective of this work is, above all, to study the possibilities of teaching the education of the deaf in the city of Delmiro Gouveia, emphasizing the understanding of the various challenges that are presented not only to the student, but also to the teacher.

Keywords: Deaf Education, Libras, Methodologies, Geography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Mapa da cidade de Delmiro Gouveia/AL. fonte: Google Maps 2022	35
Figura 2 cidade "paisagem modificada". Fonte: Google	51
Figura 3 "Paisagem natural". Fonte: Google	51

ABREVIACOES

AEE- Atendimento Educacional Especializado

APAE- Associação de pais e amigos excepcional

ASL- Línguas de sinais americanas

CID- Classificação Internacional de Doenças

ICIDH- International Classification of Functioning, Disability and Health (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde)

ISM- Instituto de Surdos-Mudos

INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISNM- Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos

NBR- Norma Brasileira

LBI- Lei Brasileira de inclusão

LIBRAS- Língua de sinais Brasileira

LS- Língua de sinais

PNAD- Pesquisa Nacional por amostra de domicílios

PNSN - Pesquisa Nacional Sobre Saúde e Nutrição

WDF- Worl Federation of the Deaf- WFD (Federação Mundial de Surdos)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I.....	15
1. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	15
1.1 Um olhar sobre a história da educação dos surdos no Brasil.....	19
1.2 A concepção de surdez	22
1.3 O sujeito surdo.....	23
CAPÍTULO II	27
2. PENSAMENTOS ACERCA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E NA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA-AL	27
2.1 A disciplina de geografia no Brasil: breve trajetória.....	27
2.2 Ensino de geografia e a língua de sinais na educação básica.....	29
3. Delmiro Gouveia: educação e o ensino de geografia para os surdos.	32
4. Elaboração da pesquisa.....	35
5. Resultados da pesquisa	36
CAPÍTULO III.....	37
6. DESAFIOS E POSSIBILIDADE DE ENSINO DE GEOGRAFIA PARA SURDOS	37
6.1 Os desafios do ensino de geografia para o estudante surdo.....	37
6.2 Metodologias e possibilidades de ensino utilizadas no ensino de geografia para surdos 40	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE.....	50
ANEXO	51

INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário da educação que de fato tem passado por diversos momentos de transformações, algumas reflexões são apresentadas entre a evolução da educação no Brasil e também o ‘desenrolar’ da educação dos surdos em escolas de ensino regular. Desta forma compreender todas as pertinências acerca do atual cenário educacional e o ensino de geografia para surdos foi uma das preocupações para o desenvolvimento deste trabalho.

Durante muito tempo o Brasil manteve consigo um pensamento segregado sobre a educação especial fundamentada, porém, os “estudos no campo da educação vêm modificando os conceitos, as legislações e as práticas pedagógicas, promovendo a reestruturação de todo o sistema educacional” (BEZERRA, 2014, p. 8). Entretanto, embora se tenha um grande número de pessoas com deficiências auditivas ou surdas no Brasil e também leis acerca dos seus direitos, nota-se que poucas são as que conseguem ter um ensino de qualidade isto porque ainda existe a falta de preparo de professores e também das escolas de ensino regular.

Estas questões acabam trazendo uma consequência para a educação do aluno surdo, e diante disto um dos caminhos a serem percorridos hoje em dia no meio educacional é a proposta de ensino inclusivo nas escolas de ensino regular. Quando analisamos este contexto e refletimos sobre o ensino de Geografia e a formação do discente (futuros docentes) na universidade, percebemos que ainda se faltam informações e conhecimentos acerca da prática. Freitas (2008, p.2) diz que “... quando um professor se depara com uma situação para qual não havia se preparado, caso das propostas inclusivas, vem à pergunta: qual estratégia utilizar?”. A falta de informação, preparo e conhecimento muitas vezes das necessidades do aluno acaba afetando assim o ensino do mesmo, deve o docente seja na área de Geografia ou as demais entender e atender a demanda do aluno, seja surdo ou não na sala de aula.

Pensar nos desafios vividos por estes alunos e também pelo docente nos traz diversas reflexões, como "quais as possibilidades a serem abordadas pelos professores e as suas metodologias utilizadas na sala de aula por eles?". Partindo deste princípio, foi possível analisar, refletir e questionar sobre todo esse processo de evolução da educação

dos surdos no Brasil e como se dá, portanto, o ensino de geografia para os surdos. Para que esta pesquisa pudesse ser desenvolvida buscaram-se fontes que analisassem essas questões e trouxessem, portanto, soluções que agregassem as indagações abordadas no trabalho.

Além disto uma das justificativas para a realização da pesquisa foi a vivência no âmbito acadêmico, já que se levantaram dúvidas sobre os desafios encontrados por esta comunidade no ensino, como dito anteriormente a abordagem do ensino inclusivo na sala de aula para licenciandos no meio acadêmico não tem sido colocado de forma evidente, isso acaba influenciando a maneira em que o discente licenciando deve atuar.

Outro ponto importante que influenciou a atual pesquisa foi a “ignorância” de muitas pessoas no sentido de compreender o significado da palavra surdez e deficiência. Uma das situações mais constrangedoras na qual pude vivenciar, ainda como aluna em escola pública foi a falta de preparo e preconceito de um professor diante de um aluno surdo, visto que, não se tinha comunicação, pois, para o mesmo o aluno “não sabia falar” e não conseguiria entender o assunto ao qual seria aplicado, afinal, seria o aluno “incapaz” de exercer qualquer pensamento. Deve-se compreender que surdos não são mudos, já que a língua de sinais é usada como uma forma de linguagem e comunicação como qualquer outra língua, portanto, o pensamento ditado pelo professor ao dizer que o aluno surdo não sabia falar é totalmente inválido.

Considerando este contexto, muitas perguntas foram frequentes durante a elaboração da pesquisa: como se dá o ensino de geografia para surdos no Brasil? E como a escola, a comunidade e o professor atua no âmbito educacional quando se recebe um aluno surdo, como analisam seu processo formativo e quais as metodologias utilizadas por eles na sala de aula? Dessa forma, a pesquisa foi feita através de recursos bibliográficos buscando compreender todas essas questões e dúvidas, considerando assim todo o contexto histórico e o contexto atual.

Diante de todo esse processo, a pesquisa tem como objetivo principal analisar a educação e o ensino de geografia dos surdos na cidade de Delmiro Gouveia, localizada no estado de Alagoas, tendo como objetivos específicos; compreender o contexto histórico da educação dos surdos no Brasil; entender o conceito de deficiência e surdez; analisar o ensino de geografia para surdos na cidade de Delmiro Gouveia-AL; identificar

os desafios encontrados pelos surdos no ensino de geografia e investigar as possibilidades e metodologias de ensino para surdos.

Cervo et al. (1983), diz que o método é um conjunto de procedimentos que se mostram eficientes ao decorrer da história. O resultado dos métodos depende dos seus usuários. A metodologia utilizada nesse trabalho é de caráter investigatório tendo como fundamentos na pesquisa bibliográfica e a pesquisa em campo. Em decorrência da importância desse tema, visou-se a busca de novos conhecimentos sobre a importância do ensino para surdos no âmbito educacional procurando entender assim as possibilidades e desafios apresentados no ensino dos mesmos.

A pesquisa bibliográfica de acordo com Gil (2002), é desenvolvida através do material já elaborado constituindo de preferência de livros e artigos científicos. Uma fonte excelente para a obtenção de informações e conhecimento são os livros, isto porque permitem ao investigador uma abordagem mais ampla do assunto pesquisado através de fatos descritos e vividos por diferentes autores em suas pesquisas. Com isto, a pesquisa bibliográfica é de suma importância em todas as áreas de conhecimento sendo utilizada como ponto de partida para todos os tipos de pesquisas.

A busca de dados para a construção do trabalho ocorreu através do Google acadêmico, leitura de livros, tendo como critério a procura de temas que enaltescessem a educação e o ensino de surdos, além disto para se haver fundamentos do que se estava sendo analisado fez-se necessário uma abordagem em sala, na Escola de ensino Fund. Afrânio Salgado Lages com uma aluna surda, tendo como principal objetivo analisar a perspectiva do aluno em relação aos conhecimentos geográficos e sua vivência na sociedade.

Na primeira seção é apresentado o contexto histórico sobre o ensino e a educação dos surdos enaltecendo toda a trajetória desde os tempos antigos até os dias atuais encaminhando assim essa seção para questões sobre o ensino dos surdos no Brasil, além da compreensão sobre o que é a surdez e como o sujeito surdo é visto perante as leis.

Na segunda seção é apresentado o contexto histórico do decorrer da disciplina de Geografia no Brasil, além do trabalho docente e o ensino de Geografia e Libras na educação básica, nesse momento algumas reflexões serão feitas acerca das dificuldades encontradas no ensino de geografia para surdos na educação básica.

Na terceira seção da pesquisa tendo em vista todo o contexto histórico questionado nas seções anteriores, terá como foco reflexões sobre ensino e possibilidades de ensino de Geografia além de analisar os desafios encontrados pelo aluno surdo em relação à educação, além disto.

E por fim, na quarta seção é apresentado as considerações finais obtidas sobre a pesquisa realizada, onde procurou-se evidenciar as contribuições que esta investigação pode oferecer ao campo de pesquisa que tem como foco o ensino de geografia para surdos.

Com isto, ao analisar e entregar a determinada pesquisa é desejável que a mesma possa fornecer ainda mais conhecimentos e informações que venham agregar aos estudantes de licenciaturas, professores e pesquisadores e trazer consigo reflexões ainda mais profunda sobre este assunto bastante complexo e delicado, que esta pesquisa seja um instrumento que possa dar ainda mais visibilidade a comunidade surda e promova o seu reconhecimento e valorização na sociedade em que estamos atualmente.

CAPÍTULO I

1. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Para se entender, portanto, a história da educação dos surdos é necessária sabermos os motivos, o local onde aconteceu, como aconteceu, porque aconteceu e as consequências que isto trouxe. Partindo deste pressuposto, as principais argumentações que se pode encontrar quando analisamos e observamos a história da educação de surdos, é que na maioria das vezes estas histórias foram narradas por ouvintes e não surdos, pouquíssimas vezes pode-se notar esta narrativa contada pelos mesmos.

Na antiguidade, pode-se notar diversos relatos de situações que foram sofridas por pessoas que nasciam “diferentes”. No tempo do apogeu e romanos existia muito preconceito, além disto discriminação e desprezo diante de pessoas com deficiência que eram consideradas anormais para a sociedade dos “normais”. E isso se dava, pois os mesmos veneravam os seus mestres e líderes além de idolatrar corpos totalmente delineados e com músculos expressivos e robustos, por ter de fato um “padrão” de beleza e intelectualidade pessoas que nascessem diferentes dos atributos denominados por eles e sem a virtude corporal, eram assim desprezados.

No passado, segundo Garbe;

“(…) a deficiência física era definida como algo demonizado, julgado como uma punição, uma consequência de culpa. A deformação ou a falta produzia os segredos, marginalizados e discriminados”. (2012, p.96)

Ao se analisar este trecho pode-se refletir, portanto, na vivência que essas pessoas tinham, “como viviam, portanto, uma pessoa com alguma deficiência, neste contexto?”. Possivelmente, quando observamos todo esse trajeto, podemos imaginar que grande parte destas pessoas acabara sofrendo muitos abusos e corriam enormes perigos de sobrevivência como também a própria morte.

Ao observar todo esse contexto, pode-se notar que de certa forma existiram surdos em todas as civilizações antigas, mas deve-se entender que não é possível se ter todo um relato conforme a condição que os mesmos tinham em todas estas civilizações e muito menos as práticas relativas dos mesmos em determinados espaços, já que são poucos os relatos que se pode ter em mãos. Segundo Vilela (2016, p.27);

“(…), no antigo Egito, verificamos que os surdos viviam sob o manto da superstição. Acreditava-se serem detentores de poderes mágicos, capazes de realizar presságios e tidos como sinal de boa sorte. Em muitas culturas antigas, a visão mística também prevalecia, de modo que, em alguns lugares, os surdos eram encarados de forma positiva enquanto, em outros, como responsáveis por tragédias, má sorte e vários tipos de agouros. Em algumas sociedades primitivas, quase sempre os surdos eram destinados a uma morte prematura.”

Diferentemente do povo do antigo Egito, os Hebreus segundo Oliver Sacks na antiguidade consideravam os surdos inferiores à condição humana. Obviamente, a visão dos surdos mudará conforme os diferentes espaços e tempo em que se passa.

Uma das coisas em que Sacks aborda é que essa condição de inferioridade que o povo hebreu dava aos surdos era por conta de um código mosaico, porém esse código mosaico refere-se ao surdo em duas determinadas ocasiões onde uma aparece no livro de Levítico 19 versículo 14 “não deveis invocar o mal sobre um surdo e não debes por obstáculos diante de um cego” (VILELA, 2016).

Vilela (2016), faz uma análise sobre esta determinada passagem onde indica que esse trecho faz, portanto, uma referência as responsabilidades e obrigações que o povo hebreu teria com os outros, segundo ele trata-se de regras de relacionamentos que os mesmos deviam ter no meio em que viviam. O que se vê, é que devia ter, portanto, um cuidado, não somente para aqueles que eram surdos e cegos, como para todos que viviam referindo as acusações diante daquelas que não se podem ouvir.

Partindo deste princípio histórico, observamos assim os caminhos traçados de formas dificultosas pelos surdos em toda a sociedade. A partir da Idade Média percebe-se a influência da educação europeia diretamente no restante do mundo, a Europa começa então a dar os seus primeiros passos na educação dos surdos (influenciando assim mais tarde os outros países). Isso se deu pela criação de um método de educação de surdos que envolvia o alfabeto manual a escrita e a oralização desenvolvida pelo mestre De Leon, e assim criou-se uma escola de professor para surdos.

Segundo Nogueira (2010) em 1778 cria-se uma escola na Alemanha, mais precisamente em Leipzig, onde o representante era o Samuel Heinick, surge então a ideia da educação oralista rejeitando assim a língua de sinais, isto acontecia, pois, a filosofia oralista dizia que os sinais atrapalhavam a fala impedindo assim os surdos de falarem.

Com isto, surgem outros diversos métodos orais para que acontecesse a reabilitação dos alunos surdos.

O oralismo, portanto, delineava a fala dos surdos, Nogueira (2010) explica que isto fazia com que os surdos tornassem ouvintes e convivessem com o mundo usando assim a leitura labial além da fala. Porém, existiam aqueles que simpatizavam com os sinais, utilizando assim os mesmos tanto para transmitir diversas informações, como também para mostrar suas ideias abstratas e naquele tempo não se tinha a ideia e muito menos o conhecimento da língua de sinais e que ela seria como uma gramática nos dias atuais onde cada país tem sua comunidade surda e a sua própria língua de sinais.

Segundo Sacks (1989, p.37);

“Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos, de modo geral dirigidos por professores surdos, em todo mundo civilizado, a saída dos surdos da negligência e da obscuridade, sua emancipação e cidadania, a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade — escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, tornaram-se subitamente possíveis.”

No século XIX o ensino de surdos com o uso das Línguas de Sinais (LS) como língua de instrução chega assim nas Américas, isto porque Thomas Hopkins Gallaudet (1789 – 1851) decide instruir os surdos, e isto aconteceu a partir de um encontro com uma menina surda no ano de 1814. Vilela (2016, p.36) diz que;

“A partir deste encontro, ele inicia uma busca por métodos de ensino e viaja até a Inglaterra. Desejoso de aprender o método oral, o que apenas não ocorreu por não poder ficar o longo tempo exigido, dirigiu-se à França para conhecer as escolas dos surdos franceses. Associa-se aos discípulos de L’Epée e decide iniciar uma escola nos mesmos moldes nos Estados Unidos.

Segundo Sacks (1989), nesta viagem ele acaba conhecendo o Abade L’Epée¹, e lá conheceu os métodos educacionais que eram utilizados na França, onde se tinha o alfabeto manual francês e os sinais franceses. Após isto o mesmo volta ao país junto ao melhor aluno de L’Epée, com isto Lauren Clerc ² funda assim a primeira escola

¹ De l’Épée conhecido como o pai dos surdos foi uma das primeiras pessoas a afirmar que os surdos faziam parte e tinham direitos dentro da sociedade.

² Lauren Clerc foi chamado de apóstolo da comunidade surda, foi uma figura bastante importante para o início do ensino aos surdos.

permanente para surdos em solo americano, onde são utilizados os sinais franceses com a fala inglesa, mais tarde surge então a filosofia da comunicação total que teve uma existência breve em sua história existindo também no Brasil. Esta mesma escola de Gallaudet, torna-se, portanto, a denominada universidade de Gallaudet para surdos em Washington, em 1864.

Após isso, nos Estados Unidos a educação segue em desenvolvimento e descobertas, com isso no ano de 1821 as escolas de surdos seguem assim o mesmo padrão que futuramente os sinais que utilizavam ali seriam assim chamados de Línguas de Sinais Americanas- ASL (no qual conhecemos nos dias atuais).

Em 1880, em Milão acontece então o Congresso de Milão que vem proibir o uso da língua de sinais nas escolas de surdos e em toda a Europa. Vale ressaltar que este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, onde todos eram defensores do oralismo. Onde segundo Strobel (2009, p.33) cerca de 74% de oralistas presentes eram da França e da Itália, segundo ela os únicos países que foram contra a determinada proibição era os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, além de ter alguns professores surdos também, porém os mesmos não foram ouvidos.

Segundo Wrigley (1996), “Esta história dos surdos é uma decepção, simplesmente reinvocando e reescrevendo a dominação e a exclusão com mais sido frequentemente conhecidas como os” marcadores” da experiência histórica das pessoas surdas.” O que pode notar é que se tem muitos altos e baixos desde a antiguidade e que o sujeito como surdo veio sofrendo continuamente com esses diversos processos na sociedade, um direito que acabou sendo perdido, porém, anos depois o mesmo voltou a ser alcançável para os mesmos.

Em 1888, na Europa e no Brasil, a Lei Áurea é assinada e em 1889 quando se é constituída a República no país, os surdos passam então a ser escravizados, diante das regras do oralismos, muitas das vezes suas mãos eram amarradas para impedir a comunicação visual e serem obrigados a usarem a oralidade para se manifestarem. Vemos então um retrocesso na educação dos surdos através destes episódios.

Porém, na década de 1960, a história nos revela uma descoberta que mudaria então o caminho desta jornada tão complexa e difícil. Um professor da universidade de Gallaudet, chamado Dr. William C. Stokoe nota que a língua de sinais americana que era

utilizada pelas comunidades dos surdos apresenta um aspecto linguístico. O mesmo observa que a língua de sinais é uma língua natural, completa e complexa e que possuía aspectos linguísticos de estruturas da linguagem humana.

Segundo Mori e Sander (2015, p.8), a partir desta descoberta o mundo dos surdos acabou ganhando novas oportunidades para prosseguir na busca de melhores caminhos para a educação. Sendo estes caminhos, mais leves e felizes do que toda aquela luta e ditadura do oralismo.

1.1 Um olhar sobre a história da educação dos surdos no Brasil

Em 1822, o Brasil surge então como uma nação. Nesta época o governo imperial deseja ainda mais colocar o modelo colonial em rigor. Segundo Vilela (2016, p.36), no Brasil não se teve políticas públicas educacionais para os alunos que tinham surdez antes da década de 1850, segundo ele somente em 1857 que o imperador D. Pedro II inaugurou junto ao professor surdo Hernest Huet³ uma escola pública para surdos com o nome de Imperial Instituto de Surdos-Mudos o IISM, que hoje é chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES, que iniciou então a educação de surdos no país com a influência da língua de sinais francesa.

De início, os surdos eram educados por uma linguagem escrita que era articulada e falada, além disto o curso tinha a duração de cerca de 6 (seis) anos e era oferecido aos alunos dos dois sexos com a idade de 7 (sete) a 16 (dezesesseis anos). Assim se deu, pois o contato dos surdos brasileiros com a língua de sinais francesas. E como toda a língua, com a mistura da língua de sinais francesas e a língua de sinais que já existia no Brasil, surgiu então a Libras- Língua de sinais Brasileira que usamos nos dias de hoje.

Surge então no ano de 1873 a publicação de um importante documento encontrado até hoje sobre a Língua Brasileira de Sinais, o chamado “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, este documento teve como autoria o aluno surdo Flausino José da Gama, que seria um ex-aluno do ISNM. Porém, com o congresso de Milão em 1880 a comunidade surda acabou sofrendo essa grande derrota atrasando assim a difusão das línguas gestuais.

3 Hernest Huet veio do instituto de Surdos de Paris

Porém, em 1951 a comunidade surda resolve então se unir e fundar a chamada Worl Federation of the Deaf- WFD (federação Mundial de Surdos), lutando assim pelos direitos das pessoas surdas. Neste mesmo ano, no Brasil, acontece a regulamentação do ensino do curso normal de formação para professores surdos-mudos. Segundo Souza (1999), este curso foi determinado pelo presidente da época o Eurico Gaspar Dutra, sendo assinado pelo Ministro da educação e saúde Clemente Mariano. Este decreto tinha então o objetivo de alfabetizar e ensinar as crianças surdas através do oralismo.

Em 1971 se tem então o congresso mundial de surdos, que aconteceu em Paris. Neste congresso são apontados diversos tipos de pesquisas e estudos que foram desenvolvidos na Universidade de Galludet, sobre a comunicação total. Para Ciccone (1990), o surdo neste momento é idealizado de forma divergente do que os oralista nomeavam, agora os surdos eram vistos não como um alguém que obtinha uma patologia que precisaria ser eliminada, mas como uma pessoa que tinha a surdez como uma marca que refletia nas relações sociais e também no desenvolvimento cognitivo daquela pessoa.

Em 1975, em mais um congresso mundial, acontecido em Washington, percebe-se que os séculos de oralismo não tinham, portanto, apresentado os melhores resultados na educação dos surdos, ou seja, o oralismo teria prejudicado toda a comunidade surda durante 100 anos. Segundo Segala e Kojima (2019), constatou-se que a corrente oralista, faria dos surdos “sub-educados”, além disto a aquisição da língua oral deixava muito a desejar, tudo isso fez com que tivesse um novo tempo para o processo educativo dos surdos. Esse processo acarretou então uma nova era de formação e desenvolvimento educacional dos surdos: o bilinguismo.

O uso do bilinguismo é até os dias de atuais uma das melhores propostas para a comunicação e educação dos surdos, sendo uma língua especial, técnica e também gestual. O bilinguismo para os surdos, seria, portanto, na perspectiva de ensino o domínio da LIBRAS que é a língua brasileira de sinais, além da escrita alfabética do português, portanto o mesmo seria bilíngue, por dominar duas línguas.

Para Quadros (1997, p.27);

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito.

No Brasil, atualmente a ideia de educação dos surdos é voltada ao bilinguismo segundo a Lei n.º 14.191, de 3 de agosto de 2021 que dispõem sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos, em suas diretrizes é necessário que a escola ofereça ao aluno surdo o ensino através da LIBRAS que é considerada a língua natural dos surdos no Brasil e também o português como a língua escrita.

Criou-se então a primeira lei que garantia às pessoas surdas o direito de oportunidade e igualdade no processo educacional, porém o que notamos é que isto não tem sido algo real no âmbito escolar.

A lei n.º 10.098 de 19 de dezembro de 2000, criada após a constituição de 1988, referente a educação das pessoas surdas, institui de forma legal as práticas das quais conhecemos nos dias atuais como se destaca no artigo 18 que se refere a lei;

“O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, língua de sinais e de guia intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação”. (Art.º 18, lei n.º 10.098/2000)

Além disto a promulgação do decreto da lei n.º 10436/2002, regulamentada pelo decreto 5.626/2005 do embasamento para a Libras, é fato que a publicação deste artigo trouxe um passo notável para a história da educação dos surdos no Brasil, colocando assim o país a frente de muitos outros países desenvolvidos, em questão de legislação.

Nota-se que a partir de todo esse processo de luta dos surdos, as leis vêm sendo adaptadas de acordo com a cidadania, de fato todo esse processo trouxe consigo diversas reflexões nas quais pode-se ter atualmente. Será que se tem a valorização de profissionais na área da educação, como intérpretes educacionais? Será que de fato os alunos surdos estão tendo a inclusão no ensino e tratados igualmente dentro no âmbito educacional e social?

É perceptível que a comunidade surda vem sofrendo a muitos anos sendo considerados de não-humanos, até por ineducáveis. Entretanto, percebe-se que mesmo com tanto sofrimento esta comunidade não deixou com que sua língua fosse morta, lutando assim pelo seu reconhecimento, tendo hoje mais representatividade além de ocupar diversos e grandes cargos em empresas e até mesmo na política.

1.2 A concepção de surdez

Não diferentemente dos outros conceitos, o conceito de surdez se modifica ao longo da história. É necessário conhecer e se posicionar diante das suas diversas concepções no contexto escolar, isso ajuda a compreender melhor o sujeito surdo. Quando se trata de professores e profissionais, que trabalham assim na rede de educação de pessoas surdas, segundo PENA (2012), são esses conceitos individuais que embasam, portanto, as suas práticas pedagógicas.

De forma genérica, a visão que os ouvintes têm acerca da surdez é que a mesma representa a falta da comunicação, sendo encarada na maioria das vezes de maneira difamatória, e isso causa alguns equívocos em relação ao surdo e a sua educação. Na maioria das vezes os surdos são vistos como um doente e que o mesmo precisa ser reabilitado pela linguagem oral, a fala, ou até mesmo a necessidade de se ter aparelhos auditivos, para serem inseridos no âmbito escolar e social, e isso se dá pela visão da surdez como uma deficiência, adotada assim por um clínico terapêutico.

Segundo PENA (2012, p. 65);

Quando pais ouvintes têm um filho surdo ficam desorientados diante da constatação da surdez, e tendem a procurar um médico para encontrar uma cura. Inicialmente, escolhem a modalidade de língua que o filho usará: visual-gestual (visuomaneal) ou audioverbal.)

Santana (2007), afirma que a escolha parte primeiramente da disposição da família em aprender, ou não, a língua de sinais como pode considerar a língua como algo importante para a formação do surdo, porém frequentemente a primeira decisão desses pais ouvintes é influenciada pela visão clínico terapêutico. Na maioria das vezes esses médicos encaminham esse filho surdo para um tratamento com o fonoaudiológico para a realização de um implante coclear ou para o uso de aparelhos auditivos, com o intuito de aproximar o surdo para a normalidade constituída assim pelos ouvintes.

Porém, Sá afirma que “surdez, não é doença: não precisa de tratamento, portanto não deve estar atrelada a um enfoque clínico ou ao modelo médico” (p.67). Diante desta perspectiva, surge então o modelo socioantropológico, que enfatiza assim a diferença e a não deficiência do sujeito surdo. Segundo a perspectiva socioantropológica, a surdez não

vem a ser caracterizada como a falta de algo, mas como uma marca que caracteriza os integrantes da comunidade surda.

Pena (2012, p.66), afirma;

“(...) o conceito socioantropológico de surdez e de pessoa surda é mais amplo e valoriza seus aspectos históricos e sociais. O canal visual gestual é aceito como forma de comunicação e a Língua de Sinais é respeitada como primeira língua. A identidade surda também é valorizada, o que é importante para a formação cultural e identitária das pessoas surdas, pois as mesmas se sentem pertencentes à comunidade surda, são usuárias da Libras e se auto declaram como surdas.”

Nesta perspectiva, surgem então os estudos surdos, estes estudos têm sido essenciais para que a surdez não venha a ser interpretada como então a falta de um sentido, uma doença ou até mesmo sofrimento. Diante disto, observa-se a necessidade de entender que o conceito e a concepção de surdez, entender que a mesma contempla vários aspectos, tais como diferenças linguísticas e culturais, e que não impedem as pessoas surdas a terem uma inserção na sociedade, seja no âmbito social ou educacional, assim garantindo também os seus direitos.

“Se a surdez é vista como um fator limitador das condições de aprendizagem das pessoas surdas, o trabalho realizado pelos professores será pouco positivo para aprendizagem e desenvolvimento dessas pessoas surdas” (PENA, 2012, p.67). Ao contrário disto se houver um certo entendimento da concepção de surdez, sendo ela vista apenas como uma característica peculiar de uma pessoa que vive, portanto, em uma sociedade há então uma forma divergente de planejar as atividades pedagógicas para este grupo.

1.3 O sujeito surdo

O sujeito surdo no decorrer da história foi tratado como “indigente”, muitas das vezes considerados como “aberrações” por não possuir audição. Eram pessoas deixadas de lado e discriminadas pela sociedade e religião de forma totalmente agressiva, escondidos, humilhados e muitas das vezes isolados por não serem “iguais”. Trancados, injustiçados, ditados como “incapazes” e motivo de vergonha para a própria família, isto descreve todo o sofrimento e situação passadas pelos mesmos.

“A situação da pessoa com surdez pré linguística antes de 1750 era de fato uma calamidade, incapazes de desenvolver a fala, e, portanto, “mudos”, incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares, restritos a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo conhecimento do mundo, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos, muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade um pouco mais do que imbecis...” (SACKS, 2005, p. 27).

A menos de um século atrás o código civil considerava os surdos como incapazes por não conseguirem “falar” sobre as suas vontades. Hoje, os surdos estão conquistando seu espaço na sociedade, mas ainda existem limitações impostas isto porque existe a exclusão colocada em um grau bem alto, infelizmente muitos deles ainda são vistos como pessoas limitadas como dito anteriormente. Existe a posição de dominadores e dominados que infelizmente, tem prevalecido ultimamente criando essa distância entre esses indivíduos e a sociedade.

Na China antiga, os surdos muitas das vezes eram lançados perante o mar, já em Atena eram esnobados e abandonados, em Roma e na Grécia foram silenciados e tratados como “retardados”, incapazes de pensar e realizar seus próprios atos. O que se observa ao ler ou estudar sobre a história dos surdos é que durante todos os anos eles foram questionados por não possuírem a fala e não se comunicarem da maneira que conhecia antes, de forma oral.

Hoje, se entende que se existia a comunicação e que ela acontecia de forma impulsiva algo que era natural e universal, no caso dos surdos o meio comunicativo que se utilizava era através da língua de sinais que por muito tempo se existe. Não se sabe ao certo como ou quando a língua de sinais surgiu, porém sabe-se que ela existe e que é uma língua natural para os surdos. Por ser uma língua natural para os surdos mostra que a mesma precisa ser aceita não deve ser somente utilizada por eles, mas também pela família, amigos e a sociedade em si, porém existem casos de surdos que não tiveram e não tem conhecimentos sobre a existência da língua de sinais, como também a falta de informações e conhecimento dos seus membros familiares.

Em muitos casos as famílias preferem assim apresentar seus filhos surdos ao oralismo, impedindo-os do contato com sua língua natural e com pessoas da sua

comunidade surda, evitando-o a aprender essa língua e se aceitar como uma pessoa surda. Muitas das vezes, os familiares acabam fechando essas portas e proibindo até mesmos o uso dos sinais, obrigando-os a utilizar somente a língua oral para se comunicar.

Estes casos são bem comuns, em conversa com uma mulher surda anônima (relato 1 localizado no apêndice) sobre quando criança, pode-se observar o quanto é comum este tipo de situação na casa de muitos brasileiros, isto porque por muitas vezes os pais não conseguem aceitar as condições de seus filhos por impulso ou negação acabam afetando diretamente a vida de seus filhos. Em seu relato ela diz que, muitas das vezes não aceitava a sua condição e era motivo de brincadeiras denominadas “chatas”, e disse que ao ter contato com a comunidade surda aquilo trouxe para ela aceitação da maneira que ela era.

Este relato, acabou trazendo muitas reflexões. Pensar que quando o surdo não tem o próprio direito de utilizar a sua própria língua natural, sendo assim obrigado a de certa forma “ouvir” e falar através do oralismo, ele acaba sendo privado e agredido, impedindo-o a desenvolver-se em diferentes aspectos. Isto porque, por muito tempo acredita-se que a língua de sinais acabava interferindo e até mesmo atrapalhando o processo de desenvolvimento do surdo, porém pesquisas afirmam o contrário disto “é o não uso da língua de sinais que atrapalha o desenvolvimento e aprendizagem de outras línguas pelo surdo”. (GESSER, 2010, p.58).

Ao notar isto, um dos primeiros passos para o desenvolvimento do sujeito surdo é primeiramente a sua aceitação, pois é necessário com que ele entenda que faz parte da sociedade da maneira que é. Além disto precisa existir a motivação dos familiares como também da sociedade perante estes indivíduos.

Quando observamos o sujeito como surdo e queremos entender a sua sociabilidade analisamos primeiramente o meio em que o mesmo está habituado, como a comunidade surda ali. Ao falar sobre comunidade somos levados a pensar sobre espacialidade, mas neste caso falar sobre comunidade é refletir sobre a comunicação e a facilidade do sujeito, neste caso o surdo, isto porque a mesma acaba sendo favorecida.

A comunicação é um dos meios mais importantes quando se fala sobre a interação entre dois indivíduos no meio, na comunidade surda ela acaba ajudando e facilitando o surdo a comunicar-se. Isto porque, a dificuldade na comunicação ou até

mesmo o preconceito acaba trazendo uma barreira para eles. Por isto, a comunidade acaba sendo de certa forma importante na formação do sujeito surdo além disto na formação da sua identidade.

Assim como qualquer outro, o surdo pode e deve ter acesso a todos os bens sejam eles sociais, culturais, regionais e também universais, além de ter acesso à educação, a informação, trabalho e saúde. Segundo a NBR 15.29/2006, obriga que todos os programas políticos, educativos, jornalísticos e informativos tenha em sua transmissão o uso da janela de intérpretes.

Além disto, assim como qualquer pessoa o surdo tem acesso à educação e de forma especial atendendo assim as suas necessidades, segundo a lei n.º 5626 art.º 2.º, parágrafo 2.º, de 22 de dezembro de 2005;

§ 2.º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2005)

De certa forma, o sujeito surdo é aquele que se aceita da maneira que é e que busca adaptar-se ao mundo dos ouvintes de sua forma, sem abrir mão dos seus conhecimentos ou desconstruir-se deles. O sujeito surdo expressa o que sente, as suas opiniões e participa de forma ativa da sociedade, como um cidadão de direito assim como cada um de nós, o surdo pode demonstrar sua força diante de qualquer obstáculo e também a sua resistência na falta seja de informação ou preconceito.

A convivência com os surdos em nosso meio, seja nos lares, escolas, ou determinados outros locais nos ensinam, a entende-los e compreende-los, permitindo assim se expressarem do seu jeito e da sua maneira, seja por meio das suas escritas, das suas mímicas, dos seus gestos ou por meio das línguas de sinais, permitir entende-los e compreende-los é impedir preconceitos existentes entre os ouvintes e diminuir as barreiras de comunicação que existem entre os ouvintes e os surdos

CAPÍTULO II

2. PENSAMENTOS ACERCA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E NA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA-AL

Neste capítulo abordaremos uma breve trajetória do ensino de geografia no Brasil, desde o início e o decorrer da prática docente até os tempos atuais, mostrando não somente a geografia como uma ciência utilizada pelo Estado, mas como uma disciplina escolar. Outro ponto importante que será questionado no capítulo é o ensino de geografia e a língua de sinais na educação básica.

2.1 A disciplina de geografia no Brasil: breve trajetória

Para se entender todas as situações encontradas ao decorrer da prática docente, é preciso e necessário recorrer ao contexto histórico na qual a Geografia é admitida como uma disciplina escolar.

A Geografia como qualquer outra ciência foi marcada pelo processo de interpretação do espaço, o seu objeto de estudo maior, como também pela condição diferente dos momentos históricos. Nas escolas brasileiras, essa Geografia teve o início no século XIX de forma inicial no colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Cavalcanti (1998), a apresentação desta disciplina naquele momento histórico teve como objetivo a formação do cidadão. A geografia foi, portanto, caracterizada com o objetivo de transmitir dados e informações sobre os territórios. Pode-se notar que era uma Geografia voltada a algo descritivo e superficial marcando assim a história da ciência no âmbito escolar.

Nas escolas, essa Geografia ficou conhecida como “tradicional”, na qual adotava procedimentos de memorização uma Geografia mecânica, reproduzindo ao aluno um conhecimento de certa forma “acabado”, transformando-o em um sujeito passivo na sala de aula e na sociedade. Segundo Cassab (2009, p.47), neste momento a geografia traduziu-se pelos estudos descritivos de paisagens naturais e humanistas, que foram marcados pelos procedimentos didáticos e pela descrição de memorização dos elementos que compõem a paisagem. Segundo Cassab, o objetivo era ensinar uma Geografia neutra e científica.

No final do século XX, essa concepção de Geografia acaba perdendo força, segundo Silva (1996, p.193), a publicação da obra “Estudos de Geografia”, de Melhem

Alves, em 1974, veio a trazer diversas contribuições para o debate. Além disto segundo Fernandes (s.d., p.03), os encontros que foram realizados pela associação de Geógrafos do Brasil (AGB), também contribuíram para o movimento de renovação do ensino de Geografia.

Fernandes diz que;

“A partir das discussões iniciais sobre o caráter ideológico da Geografia, passaram a ser incorporados elementos importantes para a análise dos arranjos espaciais, passando estes a serem interpretados em sua totalidade e de forma dialética.” (s.d., p.03)

A partir desse pressuposto, a nova Geografia proposta, passou a ser denominada Geografia Crítica, comprometida então com o papel transformador do professor e da sociedade. Embora essa nova Geografia denominada “Geografia Crítica”, tenha levado muitos anos para chegar as escolas (têm-se dúvidas se de fato a Geografia “tradicional” realmente saiu do cotidiano da cultura escolar), já que é notório perceber que alguns professores ainda carregam consigo heranças antigas, um exemplo disto é utilizando somente o livro como única fonte de ensino e sendo assim o docente o único “mediador de conhecimento” essa nova perspectiva da nova geografia ganhou força na discussão acadêmica e no âmbito universitário.

Segundo Cavalcanti (1998, p.20), a Geografia Crítica mostrou-se como uma nova alternativa de organização no ensino da disciplina, isto porque as propostas de reformulação do ensino de geografia “...também têm em comum o fato de explicitarem as possibilidades da Geografia e da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares”. O ensino de geografia não deve ser pautado pela descrição ou enumeração de dados, ou tão somente priorizar aquilo que é visível ou observável na sua aparência, mas deve proporcionar ao discente a compreensão do espaço geográfico (CAVALCANTI, 1998, p.20).

A Geografia então, passou a ter avanços, pois começou a priorizar as relações sejam elas sociais, no trabalho, na produção do espaço geográfico como também na transformação do mesmo. Desta forma, a mesma além de explicar o mundo passou assim a ser compreendida como uma ciência que transforma o mesmo. Mesmo caminhando de forma lenta, a Geografia caminhou no meio escolar, trazendo consigo reflexões e discussões que passaram a estar presente nos cursos de formação inicial.

2.2 Ensino de geografia e a língua de sinais na educação básica

A questão de acessibilidade muitas das vezes vem sendo negada por algumas instituições. Nas escolas é direito pela constituição brasileira segundo a LBI (lei brasileira de inclusão) n.º 13.146/2009, que se tenha educação inclusiva e acessibilidade para os alunos que necessitam deste tipo de ensino. Quando se fala sobre os alunos surdos, observamos um grande problema em diversas instituições, às vezes pela falta de intérprete e também a disponibilidade e estrutura no âmbito escolar.

Isto deveria ter sido mudado, já que com a aprovação da Lei Federal n.º 10.436, (BRASIL, 2002), que reconheceu a LIBRAS como língua oficial do Brasil, houve uma grande visibilidade, já que a mesma era considerada tão somente uma língua para os surdos, porém ainda assim, houveram diversas barreiras nos processos educacionais segundo Pereira (2019), essas barreiras são referentes a produção de materiais educacionais que abordam juntas às duas línguas possibilitando a autonomia do surdo.

O reconhecimento da LIBRAS no país acabou ocasionando reflexões sobre os desafios da mesma no ensino, até porque como e de que forma essa língua seria introduzida de maneira correta no meio educativo, já que ela é vista como algo complexo.

Quando analisamos a complexidade da LIBRAS nos referimos a dificuldade e despreparo profissional, vale ressaltar que grande parte das cargas horárias em LIBRAS dos discentes na área de licenciatura, é de certa forma mínima, por exemplo, a Geografia tem transformado o seu currículo como forma de facilitar e oportunizar o acesso pedagógico a todos os tipos de alunos, sejam quais forem suas dificuldades, segundo Rodrigues;

“(..).constatamos que o ensino de Geografia tem passado por momentos de transformações curriculares, em parte baseadas nas pesquisas que buscam oportunizar o acesso a teorias e práticas didático/pedagógicas para alunos dos mais diversos grupos sociais, a exemplo da comunidade surda.” (RODRIGUES Et al., 2018, p.191)

Essa perspectiva de humanização no ensino tem contribuído para que se conheça a pluralidades na sociedade em que vivemos. Isso acaba mostrando a importância da compreensão do discente favorecendo também ao docente sobre as práticas de conhecimento entre as áreas trazendo consigo um processo de aperfeiçoamento na comunicação.

Para isso é necessário entender que a língua de sinais e compreender que a mesma possui sua própria gramática e não é universal. No caso da LIBRAS, é necessário que se conheça os seus devidos parâmetros linguísticos além da sua semântica, sua morfologia, estrutura e sua sintaxe. Para Honora (2014, p.67), “As línguas de sinais em nada são inferiores às línguas orais. Através das línguas de sinais pode-se dialogar em qualquer assunto: política, economia, filosofia, literatura, ciência, sentimentos, poesias, piada, teatro, filmes, entre outros”.

No Brasil a LIBRAS acaba sendo o principal meio de comunicação dos surdos, e é claro que não se deve excluir a língua portuguesa, porém ao ensinar ao aluno surdos é necessário que se utilize a LIBRAS já que a mesma passa a ser a língua natural e sua primeira língua principalmente na escolarização, já a língua portuguesa deve ser utilizada em sua escrita, isto para facilitar a sua comunicação.

As escolas de ensino básico têm a língua portuguesa como única e somente língua predominante, desta maneira como um surdo irá estudar em um local onde se tem uma língua que naturalmente não é sua?

Segundo Streiechen (2013, p.122);

“Portanto, antes de tentarmos “socializar” e “integrar” os Surdos à cultura ouvinte, devemos tentar entender o modo de agir e de pensar dessas pessoas. Não podemos tentar educar uma pessoa ou uma comunidade levando em consideração apenas o nosso meio ou o nosso modo de ser.”

Deve-se, portanto, respeitar a maneira de viver e suas respectivas particularidades culturais e linguísticas. A comunicação é principal fonte para o processo de conhecimento individual e isso faz com que seja fundamental o professor de Geografia compreender a Libras como o meio de comunicação do aluno surdo, dessa forma o professor deverá trabalhar valorizando essa linguagem além de abordar os conteúdos geográficos através desta perspectiva.

Ainda que existam programas e salas especializadas no atendimento especial, como, por exemplo o AEE (Atendimento Educacional Especializado), que é de fato um recurso importante para a inclusão de pessoas com deficiência, ainda assim é necessário que a escola disponibilize em um turno o ensino normal para o aluno surdo e em outro turno ele possa estar no AEE. Vale salientar que uma das principais questões a serem questionadas até o momento é essa vivência entre o surdo e a comunidade escolar, de acordo com Machado:

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura [...] pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social. (2008, p.78)

A educação deve ser constituída para todas as pessoas, seja ela surda, cega, surdo-cego ou com algum tipo de deficiência, ela tem o direito de ter acesso à educação e que a escola esteja assim disponível e acessível a estes alunos.

Além disto para se ter primeiramente esta inclusão é necessário garantir que um aluno de universidade, futuro professor de escola pública saia da mesma com conhecimentos necessários para lidar com todas as adversidades encontradas na educação básica, porém cabe ao governo e a comunidade escolar, fazer com que seus meios e currículos sejam aperfeiçoados de forma que possam preparar assim o professor ou funcionário para agir de forma correta e possibilitar ao aluno surdo ou a qualquer outro aluno uma melhor experiência, incentivando-o em sua formação.

Entretanto, sabe-se que essa interação e integração dos surdos no âmbito educacional ainda assim é um grande desafio para ser quebrado. Mesmo que a educação inclusiva e todos os outros processos tenham surgido com a finalidade de facilitar e mostrar um novo caminho, não somente para os surdos, mas para aqueles também que precisam de necessidades educativas especiais, essa integração e inclusão dos mesmos na educação e no ensino tem sido dificultosa, existem inúmeros obstáculos a serem quebrados.

Por mais que se existam estas dificuldades, ainda assim pode-se notar diversas mudanças que vem acontecendo ao decorrer dos anos. Por exemplo, o acesso ao ensino básico e ao superior de certa forma tem sido maior que a alguns anos atras, a questão de disponibilidade e acessibilidade também tem trazido consigo grandes relevâncias.

Uma questão para ser abordadas, é que um dos maiores exames nacional de ensino médio (ENEM) tem sido cada vez mais acessível e isto abriu portas para que a questão de acessibilidade fosse abordada cada vez mais, isto porque qualquer pessoa tem fácil acesso, já que o mesmo oferece apoios e mesas para cadeiras de rodas, provas com fontes superampliadas, provas em baile e também em língua de sinais, além também do uso de nome social, sendo assim utilizando recursos para atender desde estudantes com

deficiência física a alunos surdos, oferecendo ao aluno não somente o seu direito como também a sua integração na sociedade.

3. Delmiro Gouveia: educação e o ensino de geografia para os surdos.

Delmiro Gouveia, conhecida antigamente pelo nome “pedra” é um município localizado no estado de Alagoas, região nordeste do Brasil que possui uma extensão territorial de 608. 491 km², e é o único município do estado a fazer divisa com três outros sendo eles, Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Caracterizada como a “princesinha do sertão”, Delmiro tem sua economia baseada na agricultura, pecuária além do seu comércio, contando (segundo o último censo/2010 do IBGE) com cerca de 48.096 habitantes tem sido atraente aos olhos de todos que a conhecem pela sua história, além de ostentar também uma parte dos cânions do Rio são Francisco.

Cidade constituída em meio a rochas, teve como pioneiro na indústria e comércio na cidade de Delmiro um homem chamado Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, sendo um grande homem que marcou e revolucionou o sertão e principalmente a cidade, já que o crescimento dela se deu graças a implantação e chegada do primeiro grande empreendimento Têxtil, a famosa “Fábrica da Pedra”. Na época por ser uma cidade despovoada e em uma região de difícil acesso, houve grandes movimentações de pessoas à procura de empregos e condições de vida melhores das que viviam, a chegada desses migrantes no território deu início a famosa vila operária da Pedra, iniciando a urbanização e povoação da localidade.

A Fábrica foi crescendo e em sua vila operária o comércio também foi se expandindo, segundo Vilela, “Na Vila Operária da Pedra havia padaria, mercearia, farmácia, escolas, centro médico e odontológico, espaços de lazer, carrossel, cinema e fábrica de gelo.” (2016, p.67). Quem morava ali? Quem eram as pessoas que viviam naquela região? E principalmente, como se dava a educação neste contexto histórico?

Segundo Nascimento, o processo ocorrido na área educacional na chamada “vila da Pedra” de certa forma foi um ensino educativo-civilizatório, já que se dava com instrumentos de controles por Delmiro onde as medidas educativas eram utilizadas para

“moldar” e “adequar” seus funcionários/operários e sua família a um comportamento tido como favorável ou até mesmo “aceitável”.

A frequência naquela época era de obrigatoriedade para os filhos dos empregados, além de existir o ensino noturno para os adultos. O ensino era levado de maneira rígida, onde um diretor de ensino da fábrica acompanhava a escolarização das crianças, além disto o próprio Delmiro segundo Nascimento (2014), muitas das vezes ocupava seu tempo logo pela manhã verificando as lições dos alunos.

Analisando este quadro, podemos observar um grande contraste entre o regimento que existia na Pedra e o que o estado de Alagoas estava passando, isto porque o estado de Alagoas no século XX passava por diversas problemáticas, segundo Costa;

Não havia uma só escola instalada em prédio próprio, todas funcionavam em casas comuns, desprovidas dos requisitos de higiene, de aluguel. O mobiliário em algumas era antiquíssimo; em outras era o próprio mobiliário do professor, em muitas “caixas vazias de kerozene”, e havia escolas em que os alunos se sentavam no próprio solo. (COSTA, 1927, p.52)

Além disto, existiam as políticas exercidas pelos coronéis locais trazendo assim dificuldades agora não somente econômicas e estruturais, mas políticas. A escola por sua vez, era vista como um “território” a ser controlado. Como se pode notar, não existia o ensino que vemos na Pedra, além da baixa frequência de alunos as classes nas escolas em Alagoas.

Por isso que, ao trazer uma forma de escolarização onde todos podiam ser alfabetizados, o Delmiro Gouveia trouxe questões interessantes na história da educação Alagoana, como por exemplo o ensino aos alunos surdos, sabe-se que os surdos durante muitos anos foram questionados e diferenciados pela sociedade por conta da sua condição. Em questão a cidade de Delmiro Gouveia segundo Vilela (2016), não se tem relato sobre tentativas de educação e inclusão dos surdos na cidade antes da década de 1980.

Em 1989, abre-se a APAE (Associação de pais e amigos excepcional) na cidade de Delmiro Gouveia, sendo assim uma associação que busca atenção integral a pessoas com deficiência. A APAE em Delmiro Gouveia atendeu vários surdos a partir da década de 80, esse foi um dos primeiros registros encontrados em questão de integração e educação de surdos. A APAE atendeu surdos até o ano de 2005, quando veio a então a abertura e criação do AEE.

Segundo Vilela (2016), durante os anos de estudos houveram algumas atividades desenvolvidas pelos alunos que constituíam em pinturas, desenhos e atividades para o desenvolvimento da coordenação motora, além disto vale ressaltar que a APAE tinha seu principal foco em alunos que tinham dificuldades motoras, os surdos nesta época eram tratados da mesma maneira, não se tinha uma diferenciação entre os mesmos.

Em entrevistas com alunos que frequentavam a APAE entre os anos de 1980 a 2005, Vilela (2016) diz que a questão de ensino era mais sobre oralidade, não se tinha sinais, não havia series e a questão de interação era diferenciada, os alunos acabavam se reservando daqueles que tinham alguma dificuldade intelectual.

Uma das questões que se nota ao se analisar a questão de ensino de surdos durante estes anos, é que mesmo depois da APAE juntar todos os alunos surdos em uma sala em 1994, ainda assim as mesmas atividades eram realizadas por eles, não se tinham uma formação certa de professores e muito menos o conhecimento da LIBRAS pelos alunos e também pelos docentes, isto dificultou, portanto, a formação dos mesmos.

Porém em 1994 esses alunos são incentivados a entrar no ensino regular, segundo Vilela (2016) muitos pais acreditavam que introduzir o aluno seria muito perigoso e que os mesmos estariam seguros com pessoas iguais a eles.

No ensino regular a partir do ano de 1994 na cidade de Delmiro Gouveia, houve algumas mudanças para os filhos de acordo com relatos de seus pais, em um dos relatos encontrado na dissertação de mestrado do Cristiano Neves Viela (2016), podemos observar estas mudanças vistas pelos próprios pais destes alunos surdos;

“Quando ele começou a estudar na escola normal, ele chegava reclamando que tinha dificuldade, mas eu via que ele já tinha aprendido mais alguma coisa. Já era diferente. [...] Pegava os cadernos, ficava lendo. Eu não entendia nada. Ele pedia pra que eu ensinasse, eu não sabia ensinar. (Mãe 2)” (VILELA, 2016, p.88)

Neste período, os professores que tinham no ensino regular foram habilitados com uma determinada maneira de ensinar, por mais que ainda assim os alunos escrevessem e tivessem um certo desenvolvimento, ainda não se existia um ensino totalmente integrado como vimos nos dias atuais, não havia uma compreensão do assunto, diferentemente do que vemos hoje onde o professor ou mediador pode ter formações e capacitações, além da educação inclusiva, novas metodologias e a tecnologia que juntas potencializam o ensino quando utilizada de maneira objetiva.

Hoje em dia, as escolas da cidade de Delmiro Gouveia-AL têm a sala de recursos que hoje chama-se AEE, e os alunos sejam eles surdos, cegos ou com algum tipo de déficit ou deficiência acabam tendo um ensino mais especializado e inclusivo. O AEE acontece um turno diferente em que os alunos que necessitam de uma educação especial utilizam, além disto nas salas em algumas escolas costuma ter um professor mediador destes alunos que auxiliam assim no ensino, isto facilita, portanto, o desenvolvimento dos mesmos.

4. Elaboração da pesquisa

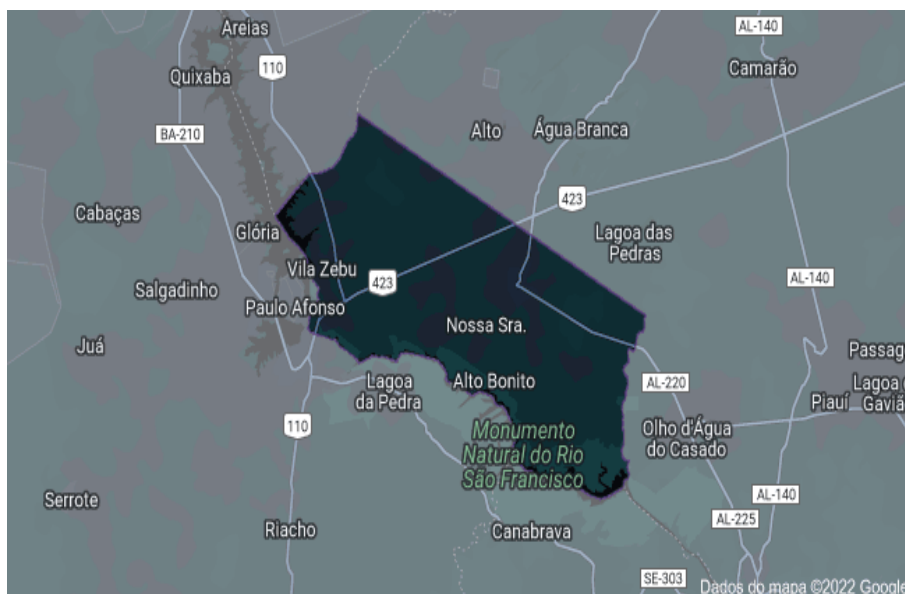


Figura 1 Mapa da cidade de Delmiro Gouveia/AL. fonte: Google Maps 2022

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental da rede de ensino da cidade de Delmiro Gouveia. Buscas de alunos surdos foram realizadas nas escolas da cidade, porém notou-se que são poucos os que tem acesso a rede de ensino e aqueles que conseguem chegar ao fundamental II, um dos problemas principais que acarretaram isto de acordo com grande parte dos diretores escolares, foi principalmente a falta de estrutura e informações dos pais para com os filhos.

Essas questões acabaram dificultando a pesquisa, porém com muitas buscas e estudos foi possível encontrar uma aluna matriculada na escola de Ens. Fund. Afrânio Salgado Lages. Como forma de preservar a identidade da aluna, gostaria de nomeá-la como Ana ao decorrer deste capítulo.

A pesquisa constituiu-se em coletas de dados através de uma análise de imagens que abordavam um dos assuntos principais estudados na Geografia, a paisagem. Sabe-se que a paisagem tem diversos significados e cada um interpreta a mesma com diferentes

aspectos e no caso da análise realizada, fez-se necessário o uso de imagens para que a aluna pudesse diferenciar a paisagem entre a modificada e não modificada pela ação do homem.

No primeiro momento, foi realizada uma investigação para saber as dificuldades que a aluna tinha em sala. O primeiro contato que a Ana teve com a LIBRAS foi no AEE realizado em um turno diferente do qual ela estuda, isto de certa forma facilitou a pesquisa trazendo assim possibilidades de ensino, a professora ⁴ do AEE relata que a Ana tem desejo de aprender a língua de sinais, porém ainda assim tem certas dificuldades e isso acaba atrapalhando o desenvolvimento da mesma.

Outro fator apresentado é que Ana precisa sempre ter contatos visuais para que se aprenda, por mais que a mesma não tivesse reações quando se era apresentado as imagens, ainda assim tentava de certa forma interagir com aquilo que se era mostrado, então o desejo da Ana de se aprender acabou facilitando a pesquisa.

Além disto, o uso da tecnologia foi importante isto porque necessitou-se da abordagem de imagens, e estas abordagens acabaram sendo de forma digital para que a mesma pudesse compreender o assunto questionado.

5. Resultados da pesquisa

Analisar a paisagem foi algo bastante rico na pesquisa, já que a mesma trouxe consigo alguns questionamentos que tiveram êxitos. Isto porque a visão acaba sendo um dos mecanismos fundamentais, principais e potencializadores no ensino de surdos, já que irá auxiliá-lo na elaboração dos seus próprios conceitos, críticas e sugestões para si mesmo.

Partindo deste conceito, ao analisar a maneira de como Ana relacionava as imagens ela conseguia, portanto, compreender aquele processo. Ao se mostrar por exemplo, a imagem 1⁵(anexada) ela notou que se existia ali questões maiores e o que se tinha não era natural, já que o conceito de natural para ela são plantas, verde e animais.

Em alguns movimentos, por não compreender totalmente a língua de sinais brasileira (LIBRAS), acabou mostrando que a imagem 2⁶ representava o “normal”

⁴ Relato 2 apresentado no Apêndice

⁵ Imagem pode ser encontrada no Anexo

⁶ Imagem pode ser encontrada no Anexo

segundo ela, já a imagem 1 significava algo modificado, algo que não era comum e que tinha a mão do homem.

Em outro momento ela entendeu que os aspectos principais da imagem 1 que não representavam a paisagem natural, eram os prédios, a estrada e postes. Já na imagem dois, ela notou que a vegetação que tinha ali era o principal ponto para observar uma paisagem natural. Essas análises e representações que a aluna Ana teve da imagem, mostra que ela mesmo só olhando a imagem que lhe foi mostrada, conseguiu assim compreender o seu significado e diferenciar as mesmas através dos aspectos que puderam ser encontrados em cada uma das imagens.

Nota-se, portanto, que se houve um raciocínio geográfico por parte da Ana, e que ela conseguiu conhecer e compreender a paisagem real observando os elementos que a compõe. Esta análise feita das paisagens através das imagens trouxe assim algumas questões.

Nesse determinado contexto, observou-se principalmente que o ensino de Geografia através de imagens pode desenvolver no aluno surdo, por exemplo, habilidades seja na leitura, seja na interpretação ou na crítica. Isto faz com que o aluno se torne independente em relação ao conceito que o mesmo cria e assim os leva a compreender, portanto, a transformação do espaço ao seu redor.

CAPÍTULO III

6. DESAFIOS E POSSIBILIDADE DE ENSINO DE GEOGRAFIA PARA SURDOS

Neste capítulo será analisado as metodologias utilizadas para o ensino de Geografia para surdos e as possibilidades de ensino, além de mostrar a importância da educação inclusiva diante dos desafios apresentados pelos mesmos na escola regular e as dificuldades apresentadas pelos professores diante do ensino e o uso de metodologias.

6.1 Os desafios do ensino de geografia para o estudante surdo

Antes de qualquer abordagem é necessário questionar-se sobre a inclusão destes alunos na escola regular. Segundo o Centro de Estudos sobre a Educação Inclusiva (2000)

[...] inclusão ou educação inclusiva não é um outro nome para a educação dos alunos com necessidades especiais. Inclusão

envolve uma abordagem diferente para identificar e resolver dificuldades que emergem na escola [...] [a inclusão educacional] implica em um processo que aumente a participação de estudantes [nas atividades e vida escolar] e reduza sua exclusão da cultura, do currículo e das comunidades das escolas locais (CSEI, 2000).

A inclusão escolar parte primeiramente da valorização das diferenças dos sujeitos além do seu reconhecimento, onde se é oferecido tratamentos diferenciados para garantir sua permanência e garantir condições de acessos no âmbito escolar. (PENA, 2012, p.48). Apesar de todo esse movimento e conclusão, essa inclusão não tem sido concretizada no atual contexto em que vivemos já que não tem sido pensada e desenvolvida nesta perspectiva.

Por sua parte, o aluno ainda é inserido em um espaço buscando homogeneizá-lo, ignorando assim seus aspectos linguísticos e não valorizando os seus interesses e individualidades. Surge, portanto, um desafio para estas pessoas que precisam de uma educação especial. A sociedade passa a “caracteriza-los” como indivíduos que não se encaixam nos padrões, tornando-os excluídos do seu convívio social. Assim também aconteceu com os surdos, que por muito tempo era caracterizado pela aquisição da oralidade para ser inseridos assim no âmbito social. Brito (2012) diz que;

As dificuldades encontradas pelo surdo em se comunicar e fazer atividades que para o ouvinte se tornam triviais, fazem com que estas mesmas atividades se constituam como desafios. Considerando este aspecto desafiador do cotidiano do surdo, surgem abordagens não raramente relacionadas com interesses políticos, e propostas que promovam inadequadamente a inclusão, que se configura na prática como exclusão do mesmo (BRITO, 2012, p. 6).

Desta forma, ao inserir um aluno na escola regular é necessário que se tenha transformações em todo o sistema educacional, isto porque, a escola na maioria das vezes se adequa a um currículo específico para o ensino regular. Ao inserir, por exemplo, um aluno surdo na escola regular, é necessário que se altere as formas de ensino, as metodologias que são utilizadas e também que se tenha avaliações diversificadas que se encaixem nas necessidades do aluno surdo.

Segundo Gonçalves e Festa (2014), esta inclusão do aluno surdo na escola regular necessita também da

[...] elaboração de trabalhos que promovam à interação em grupos na sala de aula e espaço físico adequado a circulação de

todos. A presença do aluno Surdo em sala exige que o professor reconheça a necessidade da elaboração de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adequados à forma de aprendizagem deste aluno Surdo, o aluno Surdo está na escola, então cabe aos professores criar condições para que este espaço promova transformações e avanços a fim de dar continuidade a um dos objetivos da escola, ser um espaço que promove a inclusão escolar (GONÇALVES E FESTA 2014, p. 2)

A comunicação é algo essencial no processo de construção do conhecimento individual e coletivo, portanto é crucial e importante que o professor de Geografia compreenda o que é a Libras, por ser o meio de comunicação da maioria dos alunos surdos.

Vale ressaltar que um professor de Geografia não vai aprender Libras em um curso de 60 horas em sua formação inicial, isto porque, por ser uma língua complexa é necessário que o mesmo continue sua formação na compreensão deste sistema, enriquecendo assim os seus conhecimentos sobre. Por isso é tão desafiador um professor ter o aluno surdo em sala de aula já que muitas vezes existe esse despreparo não somente do professor mais da estrutura escolar como já citado anteriormente.

A dificuldade do ensino aos surdos, não existe somente entre o aluno surdo e a comunidade escolar, ou o surdo e o professor, mas também entre o interprete e o professor de Geografia dentro da sala de aula. Em sua pesquisa sobre *“Ensino de Geografia e educação de surdo”* Lima et al. (2020) evidenciou que existem dificuldades também quando se tem um interprete no âmbito escolar, sabe-se que o professor de geografia é aquele que transmite o conhecimentos dos conteúdos geográficos e o interprete é aquele que traduz o que é passado pelo professor, sendo portanto o intermediador deste conhecimento entre o professor e o aluno, e uma das dificuldades que o autor conseguiu observar é que nas aulas do professor de Geografia era necessário que o professor mesmo utilizasse métodos expositivos e dialogados utilizando por exemplo o livro didático como sua ferramenta principal, assim os alunos surdos iam acompanhando o assunto passado pelo professor e o interprete intermediando isto.

Porém, um ponto em que Lima et al. (2020) notou foi que existia dificuldades por parte do interprete em sinalizar alguns conceitos da Geografia para os alunos surdos, isto porque muitas palavras não tinham e continuam sem sinais. Além disto, é necessário compreender e entender o porquê de cada palavra para compartilhar com o aluno.

Diante desta mesma dificuldade no decorrer do seu ensino, o aluno de Bacharel em Geografia, surdo, Rodrigo Nogueira Machado acabou desenvolvendo um “*Dicionário Libanês de cartografia*”, por compreender a importância da necessidade de ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos para os surdos. Segundo Machado;

Acredito que pela pouca quantidade de sinais geográficos nos diversos dicionários de Libras, muitas vezes os mesmos são utilizados sem um fundamento. Deste modo a criação deste dicionário, com base nos sinais que já são usados nas escolas, facilitaria a compreensão dos conceitos geográficos para comunidade surda. No caso de inexistência dos sinais referentes a conceitos de geográficos, a proposta é criar/propor novos sinais. (2007, P.29)

Entender que o aluno necessita ser incluído na escola é crucial, sendo um dos maiores desafios do ensino de Geografia o processo de inclusão destes alunos, isto porque falta a percepção e cuidado diante de suas necessidades, a falta de comprometimento muitas das vezes da escola, o despreparo do professor e a exclusão da sociedade intensificam ainda mais essa ideia, é necessário portanto perceber as necessidades do aluno surdos, isto porque ao notar isto o professor e a comunidade escolar estará se envolvendo com o aluno diante da intenção de desenvolver seus processos educacionais e suas competências de habilidades.

6.2 Metodologias e possibilidades de ensino utilizadas no ensino de geografia para surdos

Em relação as aulas de geografia para os alunos surdos e conhecendo a sua realidade, nota-se que o aspecto-visual para eles é de fundamental importância para a sua comunicação, isto porque recebem os estímulos através do uso das LIBRAS, já que a mesma é utilizada de forma visual espacial para a suas devidas realizações do cotidiano, desta forma, isto pode ser trabalhado nos conteúdos geográficos.

Segundo Streiechen;

“As línguas de sinais são realizadas no espaço e percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais. (STREIECHEN, 2013, p. 28).”

A partir disto, nota-se que a percepção do aluno surdo é medida pela sua própria apropriação espacial, segundo Carlos “O lugar do mundo vivido é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é o modo de como é produzida a existência social dos seres humanos” (2007, p.26).

Como o surdo tem, portanto, essa apropriação espacial da cidade, seja assim pelo sentido que ele produz ao viver em diferentes momentos no seu cotidiano como o convívio na escola, no lazer, no trabalho e também na saúde, isto faz com que os mesmos reflitam e pensem sobre o direito e a diferença de espaço. Partindo deste princípio, é possível trabalhar com os alunos surdos através disto a descrição geográfica. Um exemplo seria a representação das paisagens para a real compreensão do espaço geográfico, isto porque, traria ao aluno surdo a compreensão não somente desse espaço geográfico, como também a produção dos grupos sociais existentes ali, além de considerar assim a realidade dos alunos. Para Cavalcanti;

“A paisagem, costuma-se dizer, é uma chave importante para o entendimento da cidade, ela traz elementos para compreender o espaço urbano, que é formado por suas formas, mas também por seu conteúdo, por sua história [...]”. (2014, p. 31)

Como o aluno surdo convive no espaço e a LIBRAS é uma língua visual, trabalhar com estes aspectos traria ao surdo uma melhor visualização diante do ambiente em que o mesmo está inserido. A utilização da tecnologia diante deste meio seria uma ótima alternativa, o uso de fotografias do local onde o aluno está situado, fazendo-o a pensar sobre as diferenças e a ação humana no meio.

Outra metodologia que poderia ser utilizada nas aulas de Geografia para os surdos é o uso de experiências, isto porque a experiência é um procedimento ativo. Segundo Nérici;

“A experiência procura repetir um fenômeno já conhecido (...), explicar um fenômeno que não é suficientemente conhecido, constatar o que vai acontecer(...), conferir(...), convencer a veracidade da lei de causa e efeito, fortalecer a confiança em si, formam uma mentalidade científica, orientar para enfrentar atribuições(...) e enriquecer o cabedal de informações (...).” (NÉRICI, 1985, p .297).

A experiência deve ter sentido de vivência no ensino da Geografia, isto porque, o ensino é marcado pela função de lidar com a espacialidade e com o conhecimento

geográfico, é necessário que se tenha experiência seja em uma aula de campo ou dentro da sala de aula. Existe, por exemplo, inúmeras situações que os alunos vivem nos seus dias em que os conceitos geográficos estão presentes, poderiam assim se tornar exemplos em sala de aula com determinados assuntos. Vale ressaltar que a Geografia possibilita um processo de ensino/ aprendizagem por meio do ver ou até mesmo sentir, como um processo expositivo, dedutivo e indutivo, trazendo ao aluno surdo a compreensão de conceitos geográficos.

Outra metodologia analisada foi a de Uchôa (2019), em sua pesquisa ele traz os jogos para as aulas de geografia como meio facilitador para inclusão e aprendizagem, isto porque para ele o jogo seria um facilitador na interação do aluno surdo com o ouvinte.

Corroborando com esta ideia, Klimek, 2007 diz que;

[...] o jogo é um instrumento pedagógico de grande potencial integrador e oferece também a oportunidade para a construção de habilidade de elaborar sínteses. Os jogos pedagógicos são baseados em modelos de situações reais e são amplamente reconhecidos por serem ao mesmo tempo lúdicos e válidos numa variedade de contextos de aprendizagens. [...] O que distingue a forma de apreensão destes modelos através do jogo ou através da leitura e do estudo formal é a dinâmica lúdica do próprio jogo.

Por mais que seja um instrumento importante, ainda assim os jogos são instrumentos pouco aplicados em sala de aula. Segundo Vieira e Sá (2007), é lamentável já que tem um elevado valor educativo, isto porque tem a capacidade de criar expectativas e motivação para os alunos. Na falta do recurso didático na escola, o jogo seria, portanto, um dos meios que pode ser utilizado pelo professor e solução para a dinamização e diversificação dentro da sala de aula.

Outro fato importante como possível forma de ensino, é a interação entre o professor e o aluno surdo, ensinar de fato é um trabalho emocional. Segundo Tardif et al “A relação de inúmeros professores com os alunos e com a profissão é, antes de tudo, uma relação afetiva”. (2014, p.151). Isto porque, muitos professores tem o sentimento de contribuir para formação do aluno, tem o gosto de transmitir o que sabe para aqueles que “...formarão, mais tarde a sociedade” (TARDIF et al, 2014, p.152). A relação com os alunos é muitas as vezes aquilo que motiva não somente o docente, como também o aluno, e claro que na relação entre o professor e o aluno deve ter respeito, além disto é necessário

também controle, porém é a relação animada que tem um ponto ideal na convivência entre os mesmos no ambiente escolar.

De certa forma, cada surdo aprende de maneira diferente e se faz necessário que se tenha metodologias que atinjam a todos eles. Segundo Santos e Vasconcelos (2019, p.20808);

“O processo de ensino aprendizagem geográfica deve ser planejada de forma que o aluno surdo consiga entender os processos sociais que se processam no espaço geográfico, bem como o surdo entenda que o objeto desta ciência está em constante transformação.”

Ensinar exige sim, metodologias e planejamentos, o educador precisa sempre está verificando e atualizando seu material e que possa estar adequando-o para um melhor aproveitamento observando cada turma as suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as análises e tudo o que foi pesquisado, entender a importância da inclusão dos surdos na escola é o principal começo para discutir os desafios e as possibilidades que podem ser colocadas em pauta.

Mesmo diante da realidade em que estamos inseridos e todo esse processo de educação inclusiva, ainda existem diversas barreiras como a dificuldade de comunicação, o preconceito existente na sociedade dentre outras situações que acabem assim prejudicando esse processo de inclusão destes alunos no ensino.

Por mais que se tenham diversas inovações no ensino, como a integração de atividades, do AEE e conscientização da população acerca do ensino para surdos, ainda se encontram dificuldades na realização do mesmo. Isto porque, muitas vezes, as escolas estão despreparadas para receber o aluno surdo, constituindo assim um grande problema para a pessoa que convive e vive em um universo sem som.

Esta pesquisa visou focar no processo de aprendizagem tendo como alvo os alunos surdos, chega-se à conclusão que é fundamental que se tenha uma formação adequada do professor de Geografia, para que assim o mesmo possa ter uma adaptação melhor junto ao aluno surdo, utilizando de diversificadas metodologias nas abordagens dos conteúdos. O desafio do professor neste sentido é perceber primeiramente a necessidade dos surdos em sala de aula, e entender que é necessário primeiramente compreender a sua linguagem, caminhando assim para a inclusão do mesmo no âmbito educacional.

É claro que existe muitas barreiras para serem quebradas, e que isto é o início de algo ainda maior, por isso é necessário a compreensão de todo o contexto histórico e a necessidade dos surdos, já que os mesmos também são sujeitos participantes e atuantes na sociedade, e assim como cada um de nós.

Desta forma, que o espaço educacional venha ter mudanças, seja na maneira de ensino buscando algo mais inclusivo e adaptado ou na questão de integração do aluno as atividades extracurriculares na escola. Além disto que estas mudanças tornem este ambiente inclusivo favorecendo assim o desenvolvimento do aluno surdo, trazendo não somente a introdução da LIBRAS no currículo escolar, mas outras metodologias que ajudem os mesmos a compreender os conteúdos aplicados, além disto montar novas

estratégias e materiais adequados que contemplem assim ao educando surdos as suas necessidades, possibilitando-o a inclusão do mesmo neste espaço.

Fundamentar esta pesquisa através da reflexão tida, trouxe consigo algumas questões. Constatou-se, portanto, que o desenvolvimento geográfico, quando trabalhado de maneira atenciosa, levando em consideração as questões de necessidade do aluno, trouxe consigo o sentido de expressar os valores e compreensões ao aluno surdo, fazendo-o desenvolver a crítica e interpretação do ambiente em que o mesmo vive, e isto faz com que o aluno possa assim se tornar mais independente e entenda valores em seu meio, sejam eles culturais ou sociais.

Com isto, espero que esta pesquisa traga reflexões e sobretudo dê ênfase ao desenvolvimento das metodologias de ensino de geografia para alunos surdos, e que isto possibilite ao docente as oportunidades de potencializar sua determinada prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2022

_____. NBR 15.29/2006 obriga que programas políticos, jornalísticos, educativos e informativos façam uso da janela intérprete de Libras. Disponível em: www.e-diariooficial.com/ acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

AMIRALIAN Maria LT, Elizabeth B Pinto, Maria IG Ghirardi, Ida Lichtig, Elcie FS Masini e Luiz Pasqualin Conceituando deficiência Rev. Saúde Pública, 34 (1): 97-103, 2000
[ww.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp)

ANDRADE, Sarah. A educação geográfica de estudantes surdos em uma escola polo da Grande Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2013.

BEZERRA, Ana de Souza. Métodos de ensino para a inclusão escolar de alunos com deficiência auditiva. Medianeira – PR, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988. BRASIL Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõem sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL, Constituição da República federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988. BRASIL Lei nº 13.146, de 25 de agosto de 2009. Dispõem sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acessado em: 14 de fevereiro de 2022

BRITO, Raiane Gonçalves Silva. Ensino de Geografia e educação de surdos: desafios e possibilidades. Campina Grande – PB, 2012.

CASSAB, C. Reflexões sobre o Ensino de Geografia. Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, 2009, v. 13 n. 1, p. 43-50.

CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papyrus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A metrópole em foco no ensino de geografia: o que/para que/para quem ensinar? In: ASSIS PAULA, Flávia Maria de; CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo de. (Org.). **Ensino de Geografia e Metrópole**. 1a. ed. Goiânia - Goiás: Gráfica e Editora América Ltda. v. 1, 2014.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, Ltda. 1983

CSEI (2000) Index para a Inclusão, Centro de Estudos sobre a Educação Inclusiva. Bristol, Inglaterra <http://www.bancodeescola.com/verbete5.htm>

COSTA, J. Craveiro. O ensino público em Alagoas. **Revista de Ensino da Diretoria de Instrução Pública de Alagoas**. Maceió, n. 06, 1927.

FERNANDES, Maria José da Silva. A geografia como disciplina escolar: Breve trajetória. S.d. p.1-5. Disponível em:
<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/54/A%20Geografia%20como%20Disciplina%20Escolar%20Breve%20Trajet%C3%B3ria.pdf>. Acessado em: 04/02/2022

FREITAS, Reinaldo de. Ensino de Geografia e Educação Inclusiva: estratégias e concepções. Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar, n.14. Maringá-PR, 2008.

GARBE, Douglas de Souza. Acessibilidade às pessoas com deficiência física e a convenção internacional de Nova Iorque. Revista Unifebe, Balneário Camboriú, v.10, p. 95-104, jan/jun. 2012.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projeto de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas. S.A. 2002

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. Ensaio Pedagógico Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. 2013.

GUERRA, Maria Daniely Freire; SOUSA, Silvânia Maia; CASSUNDÉ, José Ricardo de Oliveira. Rompendo o silêncio: mídias como instrumentos pedagógicos para inclusão de surdos no ensino regular. In: OLIVEIRA, C. et al (Org.). Aprendendo na travessia: dilemas do ensino-aprendizagem na Escola Básica. Teresina EDUFPI, 2013.

KAERCHER, Neston André. A geografia na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia crítica. São Paulo: USP/FFLCH, 2004. Tese (doutorado em Geografia humana). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01052005-224221/pt-br.php>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2022

KLIMEK, Rafael Luíz Cecato. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problemas. In, PASSINI, Elza Yasuko. Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007

LIMA, Gabriel Emanuel Leite de. GUERRA, Maria Daniely Freire. RIBEIRO Emerson. Ensino de Geografia e educação dos surdos: Estudo de caso. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - ISSN 2675-1291 | -Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-19, jan./dez. 2020

LOPES, Claudivan Sanches. O professor de Geografia e os saberes profissionais: o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade. Universidade de São Paulo- São Paulo, 2010. P.1-258

MACHADO, Paulo César. **Integração/Inclusão na escola regular**: um olhar do egresso surdo. Em QUADROS, Ronice Müller de. (organizadora). Estudos Surdos ISérie

Pesquisas. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. Dicionário Libanês de Cartografia. ULBRA- Universidade Luterana do Brasil, Canoas-2007.p.1-83

MEDEIROS, Marcelo; DINIZ, Debora. Envelhecimento e deficiência. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 107-120. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/pessoa-idosa/Livro%20Os%20novos%20Idosos%20Brasileiros%20-%20muito%20alem%20dos%2060.pdf>>.Acessado em: 15 de fevereiro de 2022

MOREIRA, Ruy. O que é geografia. 9ª reimpr. da 14ª ed. de 1994.Brasiliense, 2007

MORI, Nerli Nonato R. SANDER, Ricardo Ermani. História da Educação dos Surdos no Brasil. Seminário de Pesquisa do PPE, Maringá- 2015. p. 1-16

MOURA, Maria Cecília. O Surdo: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e educação na Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2014.

NOGUEIRA, Clélia M. Ignatius; CARNEIRO, Marília I. N; NOGUEIRA, Beatriz N. Língua Brasileira de Sinais – Processo Inclusivo na Educação Básica. Maringá: Cesumar, 2010.

NÉRICI, Imídio G. Capítulo 7.6 – Técnicas de Ensino In: _____ **Introdução à didática geral**. 15ed. São Paulo: Atlas, 1985.p,275-315

PENA, Fernanda Santos; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. Educação inclusiva e ensino de geografia na busca da perspectiva do estudante surdo. 2012.

PEREIRA, Fabio Rodrigues. Experiências no ensino de Geografia para alunos surdos. ISSN 25266276 Rev.Elet. Educação Geográfica em Foco. Ano 3, Nº6 Especial 2º ELG, outubro/2019. P.1-6.

PONTSCHKA, Nídia Nacib (org.). A Geografia como ciência da sociedade e da natureza. In: Para ensinar e aprender geografia. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009

QUADROS, R.M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas,1997.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTANA, A. S. Metodologias para o Ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos EJA. 2015.

SILVA, Kleber Costa da. Para além da descrição In: _____ **Introdução à noção de descrição no ensino de geografia**. / Kleber Costa da Silva. – 2ª ed. rev. e ampl.– Recife: Agbook; Clube de Autores, 2021.p.120-130

SEGALA, Sueli Ramalho. KOJIMA, Catarina Kiguti. A imagem do pensamento: LIBRAS. Editora Escala educacional, 2º ed. São Paulo, 2019.

- SOUZA, Pedro Paulo U. Educação de surdos no Brasil: Uma narrativa Histórica. P.1-9.
Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA3_ID9436_09092018120254.pdf. Acessado em: 30 de novembro de 2021
- STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Libras**: aprender está em suas mãos. 1. ed – Curitiba, PR: CRV, 2013.
- STROBEL, Karin L. História dos Surdos: Representações “Mascaradas” das Identidades Surdas. In: QUADROS, Ronice M. e PERLIN, Gladis. (Orgs.). Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007, p.18 – 38.
- STROBEL, Karin L. Historicismo: O conflito do Congresso de Milão. Florianópolis, 2009. P.1-49
- STROBEL, Karin L. Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História. 2008. 176 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. UFSC, Florianópolis.
- STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008
- STROBEL, Karin. História da Educação de surdos. Universidade Federal de Santa Catarina-Florianópolis, 2009. P.1-49
- UCHÔA, Gabrielly Marcelino. COELHO, Fabricio Rodrigues et al. O jogo didático como mediador no ensino de Geografia para alunos surdos: relato de uma intervenção realizada em uma escola profissionalizante em Fortaleza-CE. Conedu.2019. p.1-10 Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA10_ID9110_23092019232954.pdf. Acessado em: 20 de fevereiro de 2022
- VESENTINI, José William. Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: A Geografia na sala de aula. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p, 14-33.
- VILELA, Cristiano Neves. Gênese da Educação de surdos em Delmiro Gouveia. Universidade de Sergipe, 2016. P.1-103
- WRIGLEY, Oliver, Política da Surdez, Washington: Gallaudet University Press, 1996.

APÊNDICE

Relato 1:

“Quando eu era criança, nasci, meus pais não entendiam o que era surdez, achavam que era doença, eles disseram que haviam pecado e que era um castigo. Comecei a usar aparelho auditivo pra poder escutar, me ensinaram a falar. Quando eu cresci e ia pra escola, muita gente dizia que eu era uma aberração, ficavam tirando sarro da minha cara, fazendo brincadeiras chatas porque eu falava estranho, eu chorava muito e não queria aceitar que eu era surda. Mas um dia eu conheci uma pessoa surda, eu a vi falando em sinais, eu fiquei encantada, e eu disse que era igual a mim, depois daquilo eu comecei a querer aquilo pra mim, eu queria ter acesso aquilo, da eu comecei a conhecer a comunidade surda, e hoje eu amo a comunidade surda, eu me aceito do jeito que eu sou”.
(anônima).

Relato 2: “ A ANA é uma aluna que tem muita vontade de aprender, uma das formas que uso para o ensino por exemplo da língua de sinais é a partir de imagens e objetos colocados na sala. Pelo fato da surdez, tudo deve ser realizado de forma visual, mostrando o objeto ou a imagem e logo em seguida, de imediato, realizo o sinal, caso não haja compreensão da relação imagemXsinal mostra mais uma vez e repete o sinal. Ela tem dificuldades quando coloco essas imagens, sempre no primeiro momento olha pra mim buscando querer saber”

ANEXO

Figura 2 cidade "paisagem modificada". Fonte: Google



Figura 3 "Paisagem natural". Fonte: Google